

Nota da equipa do UTW:

O Sr. Dr. Jaime Nogueira Pinto inicia o seu elogio, no pretérito passado. Errou!
O Alferes Mil.^o de Infantaria 'Comando' Victor Manuel Tavares Ribeiro não "era" um herói português. É.

É um Herói Português

Fonte: «[Observador](#)», online

Victor Ribeiro, o Comandante



Texto de Jaime Nogueira Pinto
27/3/2018, 18:54619

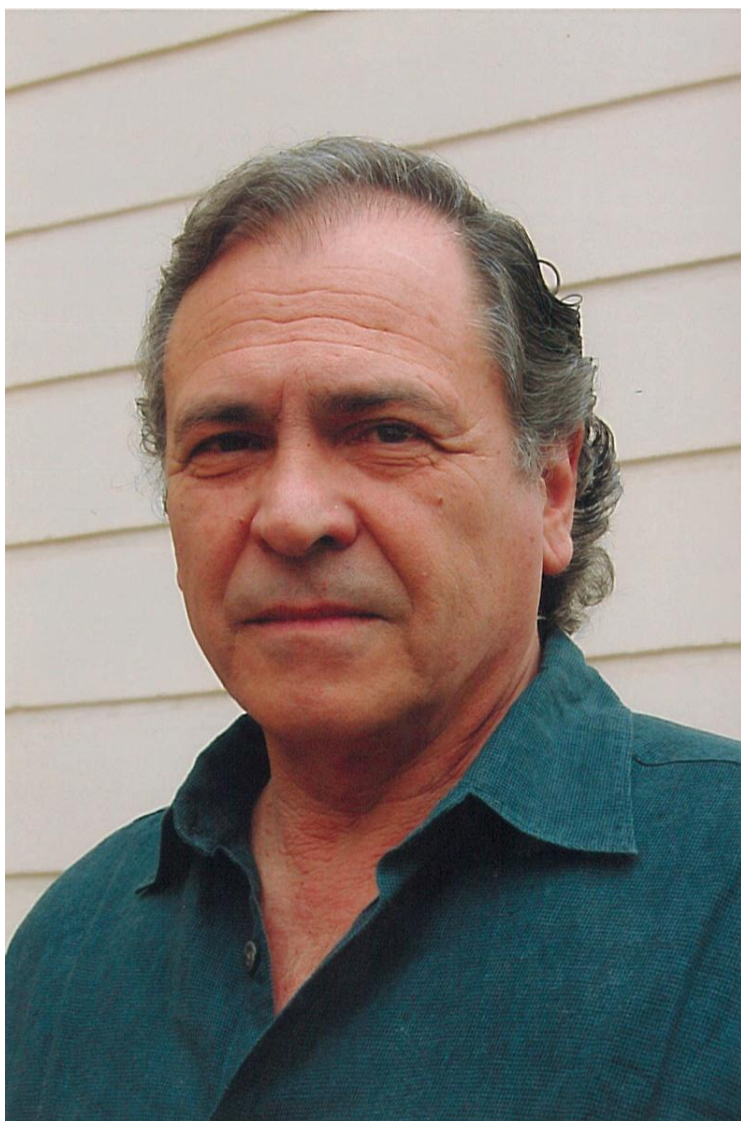
Victor Ribeiro era um herói português. Antigo comando, no Verão Quente de 1975 foi o elemento-chave na mobilização de camaradas para as companhias de convocados que seriam decisivas no 25 de Novembro.

Há tempos e momentos em que a vida parece transformar-se numa procissão de defuntos: para mim este final de Quaresma tem sido assim, com memórias e efemérides de mortos queridos e a morte de amigos. Entre o Além e o Aquém, o Céu e a Terra, ficamos perplexos, sentimo-nos vencidos pela saudade e pelo desgosto, relembando a história dos que já partiram e sofrendo com o vazio que deixam os que agora partem. E a Fé, ao contrário do que pensam os que não a têm, não apaga nem anula a dor, a saudade e a falta que todos nos fazem. Ajuda a suportá-las, dá-nos um horizonte de esperança mas não apaga nem anula coisa nenhuma.

Neste Sábado, 24 de Março, ao romper do dia, morreu o Victor Ribeiro. Horas antes, cerca da meia-noite, tinha recebido os Sacramentos, os primeiros e os últimos, e assim morreu na paz de Cristo. Na véspera, dia 23 de Março, ao princípio da tarde, num acto de justiça e num gesto de extrema atenção, o Presidente da República esteve no quarto da Fundação Champalimaud onde ele, ainda consciente, agonizava, para lhe entregar a Comenda da Ordem do Infante.

Victor Ribeiro era um herói português. Mas como outros heróis que ficaram do lado errado da História foi um herói esquecido.

A agonia de pessoas muito próximas e muito



Alferes Mil.^o de Infantaria 'Comando' Victor Manuel Tavares Ribeiro

queridas é uma experiência muito dolorosa para os que partem e para os que ficam. E não é por acreditarmos que há Vida para além desta vida que sofremos ou tememos menos estas separações.

O Victor Ribeiro – de seu nome completo Victor Manuel Tavares Ribeiro – era um herói português. Mas como outros heróis que ficaram do lado errado da História foi um herói esquecido. Até porque, como os verdadeiros heróis, ou como os que além da coragem têm a humildade que só vem com a grandeza humana, falava pouco de si e não andava a vangloriar-se do que fazia ou do que tinha feito. E fazia e fez muito.

Conheci-o em Luanda, em 1974, no último Verão do Império. Viera com o José Pedro Caçorino Dias para contactar ex-combatentes na tentativa de organizar uma oposição ao que se temia que viesse de arrasto com o 25 de Abril e que alguns de nós já adivinhávamos: uma descolonização de “salve-se-quem-puder”, uma deriva esquerdista totalitária, uma derrocada do Estado e do Exército, o fim de quinhentos anos de um Portugal grande e a desgraça de muitos portugueses, sobretudo dos portugueses de África.

Eu estava em Luanda com o Nuno Cardoso da Silva e com o Alfredo Aparício, que tinha servido com o Victor na 2ª companhia de Comandos de Jaime Neves. O Nuno e eu tínhamos ido para lá com o general Silvino Silvério Marques, que aceitara in extremis a missão impossível de tentar salvar Angola da catástrofe.

Conhecemo-nos assim, o Victor e eu, vai fazer este Verão 44 anos. Foram dias agitados, esses dias do Abandono em que nos cruzámos e em que, naquela euforia das situações de excepção, de perigo iminente e imprevisto, fizemos planos e armámos conspirações contra toda e qualquer racionalidade e probabilidade. Fizemo-lo entre as boutades do Cyrano – “Não se combate na esperança do sucesso” e “c’est bien plus beau lorsque c’est inutile” – embora, no fundo, achássemos que podíamos perfeitamente vir a ter sucesso e que era útil o nosso esbracejar contra o que parecia inevitável. Uns por lá, outros por cá, propúnhamo-nos combater todos os perigos e inimigos que estavam à porta da cidade ou já lá dentro.

O Victor veio para cá. Nós, os de lá, não tivemos muita sorte. No fim de Julho, o MFA de Angola impôs ao general Spínola, ao mesmo Spínola que tinha mandado Silvino Silvério Marques para Angola, a saída do Governador para Lisboa. Em princípios de Outubro, com mandados de captura e o Rosa Coutinho atrás de nós, o Aparício a Zezinha e eu atravessámos Angola para sair pela fronteira do então Sudoeste Africano, hoje Namíbia. Fizemos mais de dois mil quilómetros de estrada à boleia do José Penha Rodrigues e do Miguel Corte-Real, todos já desaparecidos. Nessa fuga para a liberdade, ajudaram-nos o Francisco Falcão Machado, que era então capitão miliciano e comandava a companhia que fazia a segurança da ponte e da barragem de Cambambe, e o António Luís Alves, o “Mister Banana”, um verdadeiro “português das áfrias”, proprietário de uma serração entre Angola e o Sudoeste, onde pernoitámos antes de atravessarmos a salto a fronteira, de madrugada.

Ao contrário de nós, o Victor teve sucesso na organização da resistência metropolitana. Tinha nascido em Lisboa em 1941 e passara a infância e a primeira adolescência no então Congo Belga. Depois, voltara à capital e frequentara a Academia Militar e a Faculdade de Ciências. Quando chegou o tempo do serviço militar, ofereceu-se para os Comandos, fez o curso no CIC – Centro de Instrução de Comandos –, criado pelo Tenente-Coronel Santos e Castro, foi promovido a Alferes da 2ª Companhia e andou em operações em Cabinda e no saliente do Cazombo. Em Maio de 1966 a 2ª Companhia foi transferida para Moçambique, para o Lumbo, onde os Comandos tinham base e de onde partiam para operações nas zonas mais quentes do Norte.

Alferes Mil.^o de Infantaria 'Comando' Victor Manuel Tavares Ribeiro

Quando acabou a comissão, foi desmobilizado e entrou para piloto da TAP. Tinha sido promovido a Tenente por distinção e ganhara uma Cruz de Guerra e uma medalha de Valor Militar.

O Victor foi o grande dinamizador da organização da Associação de Comandos. E, no Verão Quente de 1975, foi o elemento-chave na mobilização de antigos camaradas para as companhias de convocados que iriam ser a ponta de lança da operação do 25 de Novembro. E foi ele, na manhã de 26, na Chaimite de Jaime Neves, que rebentou com os portões da Polícia Militar na Calçada da Ajuda. Era difícil que não me inspirasse nele quando escrevi Novembro e que não lhe desse a ler o manuscrito para as descrições de operações de combate.

Depois do meu regresso do exílio, em 1978, colaborei com ele e com muitos dos nossos amigos de 74-75 na fundação do Movimento 10 de Junho e na campanha para a construção do Monumento aos Combatentes do Ultramar. Encontrávamo-nos todos os anos nessas andanças. Depois, quando ele se reformou da TAP, desafiei-o para uma aventura em África, em tudo diferente daquelas em que tínhamos estado envolvidos mas também espinhosa ainda que com um outro tipo de espinhos. Aí, em Moçambique, o Victor deu o seu melhor, esforçadamente, até que a doença o atacou nos finais do ano passado.

Era um combatente e um resistente. Soube que ele tinha piorado mas não medíamos a rapidez, a cavalgada do mal, nas últimas semanas e dias. Quando o fui ver, encontrei um lutador na sua última batalha.

Ali, no leito de onde já não saíria vivo, lembrou-me um mártir, um gladiador, um santo ou um pecador, um desses corpos fortes que dão vida a almas também fortes, como os pintados pelos irmãos Carracci. Aquela cara, agora com os olhos encovados e os ossos salientes, era a de alguém que se batera toda a vida e que conservava, mesmo nas margens da agonia, um espírito resistente e combatente: o mesmo que o levava a nomadizar na guerra, dias e dias, nas matas de Cabinda ou nas montanhas de Maniamba-Amaramba, ou o que o levaria, anos depois, em Moçambique, a defender-se a murro de um bandido que lhe apontava uma automática e que, por milagre, acabou por atingi-lo só de raspão.

Lembro-me dele sempre assim, a reagir prontamente, puro e duro, discreto, sem contemplações, sem medo. Numa tarde de sábado, em Maputo, depois de um almoço no Costa do Sol fomos – o Victor, um outro antigo Comando e eu – passear pela praia. Eu ia um pouco à frente, o Victor seguia atrás de mim e o nosso amigo fechava a marcha. Eis senão quando, ouve-se lá atrás um burburinho: um bando de seis ou sete adolescentes locais, grandes, assanhados e com facas, tinha assaltado o nosso amigo para lhe roubar o telemóvel. Quando olhei para trás, o Victor já estava em cima deles. E perante a coragem e a determinação do “Comandante” – e apesar das facas, da superioridade numérica e dos anos que tinham a menos que nós –, desataram a fugir com o Victor (e nós) atrás deles. Três sexagenários ao sol da tarde, praia fora, atrás de um bando de jovens assaltantes, numa insólita perseguição.

O Victor não tinha medo de nada. Nem da morte, como se viu.

Que Deus receba na sua Paz este seu filho que combateu o bom combate e que nos deixou um exemplo de confiança, de generosidade, de coragem, de tenacidade. E, no limiar, de Fé.

Comentários:

(alguns comentários in «Observador» - <https://observador.pt/opiniao/victor-ribeiro-o-comandante/>)



Cisca Impllit

15 h ⋮

Há gente boa, mesmo quando nos deixam continuam a ser muito bons!

^ 3 · Responder



Francisco Pinto

16 h ⋮

Não sei como caracterizar o acto do PR quando, para reparar uma injustiça, o faz de modo clandestino e envergonhado. Parece que em Portugal não há lugar para heróis, só para traidores, invejosos e criminosos. Acorda Portugal, desperta da letargia que te menoriza!

^ 11 · Responder



Manuel Pinto → Francisco Pinto

15 h ⋮

Assim é, também o que penso. Foi bem divulgada a visita de despedida a Fidel!!!

^ 7 · Responder



JC Abreu Dos Santos → Manuel Pinto

15 h ⋮

Muito bem!

^ 1 · Responder



Francisco Pinto → Manuel Pinto

15 h ⋮

Admito que Fidel tivesse bastantes amigos por cá. A contar todos os membros de governos que "foram a Cuba de Falcon para trazer uma caixa de puros habanos", dava seguramente para encher a primeira fila da AR.

^ 6 · Responder



Amora Bruegas → Francisco Pinto

4 h ⋮

O actual PR é um moeda de muitas caras", um servo do politicamente correcto. Tanto condecora um Herói (como foi o caso), como um desertor, um traidor, que colaborou na miséria, tortura e morte de centenas de milhar de portugueses.

^ 4 • Responder



ze pinto

17 h ⋮

O Comandante Victor Ribeiro era Chefe, Camarada e um Grande Português.

Trabalhámos muitas vezes juntos na nossa actividade profissional e comungávamos dos mesmos ideais. Foi uma grande perda.

À família enlutada os meus sentidos pêsames.

^ 7 • Responder



Joaquim Moreira

18 h ⋮

"O Victor Ribeiro – de seu nome completo Victor Manuel Tavares Ribeiro – era um herói português. Mas como outros heróis que ficaram do lado errado da História foi um herói esquecido". Tratando-se de um herói do 25 de Novembro, esta situação e a "envergonhada" condecoração, *in extremis*, diz tudo sobre o país que somos. Não só ignoramos os heróis, - "Se servistes à pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma", já dizia o Padre António Vieira -, como permitimos que os seus inimigos sejam poder, numa qualquer Geringonça. Com o apoio claro ou dissimulado da "elite", de esquerda e direita, que se deixa comprar por salários e pensões.

^ 6 • Responder



Amora Bruegas → Joaquim Moreira

4 h ⋮

Já Camões o disse: "...traidores sempre os houve entre alguns...".

^ 0 • Responder



Jorge Martins de Lima

18 h

Li com avidez e muita comoção, as palavras que JAIME NOGUEIRA PINTO dedicou ao nosso amigo e camarada de armas, VÍTOR MANUEL TAVARES RIBEIRO.

Fundador da Associação de Comandos, VÍTOR RIBEIRO foi, é e será sempre um exemplo de patriotismo, um verdadeiro HERÓI que aqui venero sem preconceitos.

MAMA SUMAE companheiro!!!

... Ler mais

^ 11 • Responder



João Kissol

19 h

Bem haja Nogueira Pinto, em recordar Victor Ribeiro e a sua acção - e a sua humildade digna de um soldado português.

Que não foi dos militares portugueses que entregaram - com a alegria dos cobardes - camaradas de armas, p.e., o Ten. Coronel Teles Grillo aos militares do MPLA que havia combatido com êxito na década de 1960 do terrorismo introduzido pela aliança americana/soviética.

^ 9 • Responder



JC Abreu Dos Santos → João Kissol

14 h

Peço desculpa ao meu amigo Jaime Nogueira Pinto - ao qual já apresentei, em sítio próprio, congratulações pelo superior elogio fúnebre ao nosso comum amigo Victor Ribeiro -, pelo desvio ao assunto em apreço, mas não resisto a questionar João Kissol (quem é? nome verdadeiro, sff), sobre a acusação que acima produziu quanto a o tcor Teles Grilo haver entregue nossos camaradas-d'armas ao MPLA: onde (local), data exacta (dd-mm-aa), quantos (nomes, sff), circunstâncias, testemunhas, etc. etc.

Isto dos 'comments' online é no que dá!

^ 1 • Responder



António Moreira → JC Abreu Dos Santos

4 h

Se eu li bem o comentário do João Kissol o TCor Teles Grilo foi o traído e não o traidor.



Amora Bruegas → António Moreira

4 h ⋮

Correcto, também percebi que o coronel Teles grilo, foi TRAÍDO.

^ 1 · Responder



João Kissol → João Kissol

2 h ⋮

O António Moreira e Amora Bruegas leram o que está escrito: Teles Grillo, que teve uma acção notável na região de Malange no início do terrorismo, foi entregue e nunca defendido pelos 'camaradas' de armas abrilinos aos militares do MPLA onde sofreu torturas tendo ficado com a sua saúde irremediavelmente deteriorada, tendo vindo depois p/ Portugal por diligência nobre, creio, do Gen. Moraes e Silva.
~ «Telles Grilo – Preso antes da independência e a 25/2/1976. Era tenente-coronel de Infantaria na reserva. Libertado em Maio de 1982.»

^ 0 · Responder



Gonçalo Morgado

19 h ⋮

Este texto fez-me lembrar um livro que tive em tempos mas que depois de o ter emprestado, perdeu-se: "Os Últimos Guerreiros do Império". Tinha uma dedicatória de um dos colaboradores da obra e que me foi próximo até ao seu desaparecimento: o Coronel Duarte Pamplona.

Quanto ao Comandante Vítor Ribeiro, cruzei-me algumas vezes com ele nas ruas de Maputo. Paz à sua alma!

^ 4 · Responder



Dr. Feelgood

20 h ⋮

Muito bem, Don Nogueira Pinto. A perda, a saudade, o vazio recoberto com as memórias e o desaparecimento dos nossos mais próximos são situações extremamente violentas, mais-a-mais com essas memórias africanas inultrapassáveis.

Já que falou em heróis - e para suavizar - para quando um texto idêntico sobre Marcelino da Mata (penso que ainda seja vivo....), o nosso Comandante mais graduado ?

Os meus pêsames por mais um desaparecimento dum homem valente. Agora nem réplicas existem.

^ 13 · Responder



Manuel Marques → Dr. Feelgood

16 h ⋮

sim. Para quando Marcelino da Mata?

^ 1 · Responder



JC Abreu Dos Santos → Manuel Marques

15 h ⋮

"Para quando", o quê?!

Pf explicita o seu 'comment'.

Sou amigo pessoal do TCor CMD Marcelino da Mata, que, sei-o, não lê comentários na net.

^ 1 · Responder

HERÓI NACIONAL



**Alferes Miliciano de Infantaria
VITOR MANUEL TAVARES RIBEIRO**

2.^a CCmds — RAAF
Angola [Moçambique]^{nota}

2.^a CLASSE

*Transcrição da Portaria publicada na OE n.º 7 — 2.^a série, de 1967.
Por Portaria de 03 de Março de 1967:*

Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.^a classe, ao abrigo dos artigos 9.^o e 10.^o do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola [Moçambique]^{nota}, o Alferes Miliciano de Infantaria, Vítor Manuel Tavares Ribeiro, da 2.^a Companhia de Comandos — Regimento de Artilharia Antiaérea-Fixa.

*Transcrição do louvor que originou a condecoração.
(Por Portaria da mesma data, publicada naquela OE):*

Louvado o Alferes Miliciano de Infantaria, Vítor Manuel Tavares Ribeiro, da 2.^a

Alferes Mil.^o de Infantaria 'Comando' Victor Manuel Tavares Ribeiro

Companhia de Comandos — Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, porque em todas as acções de combate em que tem tomado parte activa, se tem revelado um oficial de extraordinárias qualidades, disciplinado e disciplinador.

Muito competente, dotado de rara coragem, sangue-frio, decisão e serena energia debaixo de fogo, cumprindo integralmente todas as missões operacionais de que é incumbido com verdadeiro estoicismo e garra, muito contribuiu para os excelentes resultados obtidos pelo seu grupo de combate e bom nome da 2.^a Companhia de Comandos.

Em algumas acções, sendo muitas vezes o homem da frente, se tem lançado contra o inimigo, debaixo de fogo, com desprezo pela vida, conseguindo aniquilá-lo e capturar-lhe o armamento.

Pronto a arriscar a vida sempre que seja necessário, considero-o um militar de eleição, pelas altas qualidades de que é possuidor e que muito o honram, bem como ao Exército Português, que tão devotadamente serve.

Nota:

1966

ORDEM DO EXERCITO N.º 17

2.^a Série

Rectificando o que consta da *Ordem do Exército* n.º 7, 2.^a série, de 1 de Abril último, a p. 743, declara-se que o alferes miliciano Vítor Manuel Tavares Ribeiro foi condecorado com a cruz de guerra de 2.^a classe, por serviços prestados em acções de combate na província de Moçambique, e não na província de Angola, conforme foi publicado.